

"Mas eu não acredito em Letra Popular Brasileira. Existe uma Música Popular Brasileira (...)" João Bosco 1

Para aqueles que não conseguem separar a letra da música.

AIAIAI DE TI²

REGINA C. PACHECO (UFSC)

I. Nos dissemos que o começo é sempre, sempre inesquecível...³

Houve um festival, uma daqueles famosos festivais da década de 60, em que uma gaúcha pequeninha, meio estrábica e de gestos exagerados, tornou-se sucesso nacional cantando ARRASTÃO, de Edu Lobo e Vinícius. Os gestos desesperados dos braços em moinho valeram-lhe o sarcástico apelido de Hélice Régina. O temperamento ardido e explosivo mereceu de Vinícius o apelido mais famoso: Pimentinha. Aliás, plenamente assumido: o LP ELIS, de 1980, traz no encarte, repetidas vezes, o desenho de uma pimenta servindo de base para o esboço de um corpo de mulher. E Echeverria, também Regina, a biógrafa, chamou-a "O Furacão Elis". Os fãs, ainda incontáveis quase dez anos após sua morte, de nada a chamam: apenas continuam a ouvi-la e, quando muito, usam camisetas em que "Elis vive".

Na parede de meu escritório coloquei, num poster, a capa da Isto É⁴ que noticiou sua morte. Tem o fundo preto e ela está ali parada, usando a roupa dourada do seu último show, Trem

Azul, corpo e braços abertos jogados para trás, pose característica de quem está recebendo os aplausos da platéia. A seus pés, a manchete: Adeus, Elis. Sou sua fã, e como os outros fãs todos, continuo sentindo que Elis vive. Porque na MPB ainda não apareceu ninguém como ela, com sua perfeição - na voz, na dicção, na interpretação, e, principalmente, muito principalmente, na escolha do repertório.

Apesar de ser sua fã desde o sucesso de ARRASTÃO, no Festival da Excelsior em 1965, comecei a colecionar os discos de Elis apenas a partir de 1969 e, usando-a como referencial, a prestar mais atenção e acompanhar, por discos, shows, reportagens, os compositores que ela lançava.

Em 1972, ao sair discodela com o simplíssimo nome ELIS, comprei-o logo que chegou às lojas, e fui correndo para casa ouvi-lo. E eis que, na segunda faixa do lado 1, topo comigo mesma, e me encontro e reencontro, me curto e recurto, me renovo, me choro, em dor e júbilo:

"A sala cala / e o jornal prepara / quem está na sala / com pipoca e bala / e o urubu sai voando / manso. / O tempo corre / o suor escorre / vem alguém de porre / e é um corre-corre / e o mocinho chegando / dando. / Eu esqueço sempre nessa hora / linda loura / minha velha fuga em todo impasse. / Em esqueço sempre nessa hora / linda loura / quanto me custa / dar a outra face..."⁵

E ouvi, e ouvi de novo, e ouvi mais uma vez, achando-a cada vez mais perfeita, mais "olha eu aí, inteirinha", das múltiplas leituras do título, BALA COM BALA, à dor de ver tudo acabar sempre no melhor pedaço, o encontro doceamargo do paraíso perdido, as matinês do Ritz e do São José, no escurinho do cinema, chupando drops de anis. Retomo o disco, vou procurar o autor, e encontro dois nomes absolutamente desconhecidos: João Bosco e Aldir Blanc.

No LP seguinte⁶, Elis "exagera", e grava quatro músicas da dupla. Ao ouvi-las, recebo o impacto final, o tiro de misericórdia:

"Ah, como é difícil tornar-se herói / só quem tentou sabe como dói / vencer Satã só com orações(...) / Dominus dominium juro além / todos esses anos agnus sei que sou também / Mas ovelha negra me desgarrarei / o meu pastor não sabe que eu sei / da arma oculta na sua mão (...)"

Apresentada dessa forma a AGNUS SEI, comunhão exata de letra e música, retrato de uma geração que estudava em escolas não seculares, rezando missa em latim, mas que trocara ser cordeiro de Deus (Agnus Dei) pela amargura de se saber carneiro (**Agnus sei que sou também**); e trocara o heroísmo dos fugitivos de Shangri-lá pela comodidade da palavra: **Responderei: não**. Foi a partir daí que assumi de corpo e alma a irremediável paixão pela parceria mais entrosada da MPB, tão perfeitamente entrosada, que O Pasquim, na época, passou a chamá-los por um nome só: Jonaldir Boscblanc.

II. E no entanto, meu amor, que coisa incrível: esqueci nosso começo inesquecível...⁷

Foi com AGNUS SEI que comecei a seguir a carreira dos parceiros, através das gravações de João Bosco, o intérprete. E foi este acompanhamento que me fez escolher justamente João Bosco como objeto de uma pesquisa a que dei o nome de "João Bosco: Como dói vencer Satã", e que visa estudar as diferentes vertentes de sua obra, feita sozinho ou em parceria. A primeira das vertentes analisadas foi a da mulher, e sua conclusão: "**FEMINISMO NO ESTÁCIO: a mulher na obra de João Bosco e Aldir Blanc**", foi apresentada no painel de encerramento do II Seminário Nacional Mulher e Literatura, e publicada no segundo volume dos Anais do Seminário (Cadernos 2).

O primeiro LP que adquiri, do intérprete João Bosco, foi CAÇA À RAPOSA e daí praticamente todos os outros. Fui descobrir mais tarde que me faltavam dois LPs, conseguidos por dois amigos, que me forneceram as gravações⁸.

De início, João era um intérprete meio tímido, às vezes superado pela inigualável batida do violão. Com o tempo, a experiência, o conhecimento e domínio do instrumento **voz**, ele

veio se tornando um intérprete solto, brincalhão, sensual, exato, mais que perfeito.

Não me recordo, no entanto, em que momento, exatamente, fui seduzida desta forma por João, o momento em que o mais importante deixou de ser saber de cor as letras de Aldir, e prestar atenção no que o João estava fazendo com a voz, com o violão, com o infinitamente rico som das palavras. O momento em que abriu-se sésamo em mim, pra lá de babá, pra cá de ali...⁹

III. E as pedras da cordilheira caíram na cristaleira¹⁰

De um modo geral, quando se fala em João Bosco faz-se a imediata relação com Aldir, Jonaldir Boscblanc, a dupla de "repórteres de uma época", segundo o crítico Tárík de Souza¹¹. Mas o que é preciso deixar claro é que houve (e há) outras parcerias, além da de Aldir, que a incompatibilidade de gênios tornou (e parece que definitivamente) inviável.

A primeira parceria, segundo os repetidos depoimentos de João, foi com Vinícius: o "Samba da Pousada" e "Rosa dos Ventos". Depois João conheceu Aldir, e começaram a produzir juntos, embora eventualmente houvesse mais um parceiro, geralmente Cláudio Tolomei ou Paulo Emílio, principalmente Paulo Emílio. Mas há inúmeros outros: Guerra Baião, Capinan, Belchior, Martinho da Vila, Abel Silva, Chico Buarque...

Em parceria com Capinan, o maior sucesso de João - intérprete, a lindíssima PAPEL MARCHÊ, que nos ensina que vida é fazer todo sonho brilhar, e o PIRATA AZUL que busca apenas "a felicidade, em algum lugar onde a dor não vai me encontrar", sempre perto do mar, utopia imprescindível ao mineiro João. Na parceria com Abel Silva, dois sucessos sentimentais também, DESENHO DE GIZ e QUANDO O AMOR ACONTECE, embora neste LP o que me toca mais seja a sempiterna sabedoria de Aldir em AS MINAS DO MAR:

"Mouro, tive ambição, mas / aprendi que safiras,
cristais / cordas podres / pro mar são iguais /
(...)".

Embora nada sendo dito à imprensa, apodrecia a relação com Aldir, que acabou em ruptura mesmo, o que Aldir assume com mais facilidade que João. Só que, antes mesmo da ruptura total, antes mesmo das parcerias **sem** Aldir, já o LP Gagabirô, de 1984¹², começam a sair músicas em que João faz letra e música sozinho. E elas são três em Gagabirô: a faixa-título, BATE UM BALAIO (Rockson do Pandeiro) e TAMBORES, com características que se reafirmam depois.

Em 1986, saindo de uma gravadora para outra, João grava dois discos, um em cada, para atender exigências contratuais. São dois discos exemplares, apesar disso, e, em cada um, três músicas-solo. O LP CABEÇA DE NEGO, um disco que João brincalho-namente diz que "baixou", gravado para cumprir o contrato com a Barclay, de onde saía para a CBS, tem três músicas de João: BO-TE BABALU PRA DANÇAR NO PAGODE, JOÃO BALAIO (brincadeira com o Jambalaya de Hank Williams, retomada depois, mais clara e mali-ciosamente, pela banda Boca Livre) e a obra-prima que é a faixa-título.

"(...) De Aniceto é o jongo / ô Donga Sinhô / Ô
Sinhô Dongã / É Gagabirô / Gagabirã / (...) / Ô
João da Bahiana! / Ô Candeia! / Ô Ya Quelé Mãe /
Ya Quelé Mãe / Ô Clementina! / Ô Yao Pi / Ô Piaô
Yaô Xi / Ô Pixinguinha! / Ô Batista de Fã / Ô ária
de Bach / Choro de Paulo da Viola! (...)"

comovida homenagem às "cabeças de nego" que fizeram - e ainda estão fazendo, no caso de Paulinho da Viola - da MPB aquilo que ela foi, é e será.

Em AIAIAI DE MIM, do mesmo ano, também três músicas sem parceria: SI SI, NO NO; EU E MINHA GUITARRA, e DAS DORES DE ORA-TÓRIOS. Este disco, por razões que não nos interessam aqui, fez um sucesso de público que eclipsou o da Barclay. No entan-to, como muitas vezes acontece, CABEÇA DE NEGO foi o que fez a cabeça dos críticos. E de tal forma, que não houve revista, especializada ou não, que não trouxesse artigo sobre ele.

E três anos depois, com o lançamento de BOSCO, seu 139 disco, o terremoto que soterrou completamente a cristaleira, uma mudança de tudo: o inusitado, o inesperado, o rompimento com to-das as nossas expectativas de fãs.

Ouvindo as músicas-solo de todos os discos, vezes e vezes sem conta, a querer saber se havia indícios dessa mudança nos anteriores, e talvez até uma síntese dela, encontro-a em **SI SI, NO NO**:

"Yo también soy mucho loco por ti / Abaeteipacaray
Ai, ai, ai, não tem paradeiro / Tô aqui, tô lá no
terreiro... / - Quem me quiser sou meeiro.../".

Mas isso é assunto para outra conversa...

NOTAS

1. Em entrevista concedida à autora, no dia 18/05/89, no Hotel Castelmar, em Florianópolis. Textualmente "Mas eu não acredito em Letra Popular Brasileira. Existe uma música Popular Brasileira, que é um conjunto de procura, quando se faz em parceria com a mesma finalidade. E a finalidade é a unidade da música".
2. O LP de 1986, CBS, chama-se AIAIAI DE MIM.
3. Trecho da música LATIN LOVER, de João Bosco e Aldir Blanc. LP GALOS DE BRIGA, RCA, 1976.
4. ISTO É, nº 266, de 27 de janeiro de 1982.
5. Bala com Bala. LP ELIS, Philips, 1972. João gravou-a no ano seguinte, no LP João Bosco, da RCA.
6. Neste LP, ELIS REGINA, Philips, 1973, foram gravados, além de AGNUS SEI, CABARÉ, O CAÇADOR DE ESMERALDAS e COMADRE.
7. Idem à nota 3.
8. Os LPs são JOÃO BOSCO, de 1973, conseguido graças a Celson Lima e ESSA É SUA VIDA, de 1981, conseguido por Marcelo Tavares. Aos dois, profundos conhecedores da obra de João Bosco, e pacientes depositários de dúvidas e angústias desta amiga desafinada, uma gratidão sem tamanho.
9. Trecho da música JADE, de João Bosco, LP BOSCO, CBS, 1989.

10. Trecho da música RUMBANDO, LP GALOS DE BRIGA, RCA, 1976.
11. João Bosco e Aldir Blanc. Nova História da Música Popular Brasileira, Abril, São Paulo, 1976, p.1.
12. Na verdade a primeira a ser gravada foi ALFERES, no LP JOÃO BOSCO, de 1973. Mas depois, até 1984, mais nenhuma. Assim, é difícil - impossível, mesmo - relacionar Alferes com as outras.

